

Como todo trabalho desta coletânea, a primeira parte do volume consta de uma exposição em quatro capítulos, nos quais o autor periodiza a evolução da educação na época em aprêço.

O primeiro capítulo versa sobre a educação antiga e de como sobrevivia ainda nos séculos VI e VII, além de uma análise sobre as características da educação romana e o papel da Igreja católica.

No capítulo seguinte, Pierre Riché mostra como a escola antiga vai desaparecendo em função das novas aspirações que surgem, dando lugar à escola monástica, na qual, lentamente esfumaçar-se-ia o espírito do mundo antigo — as fábulas da época clássica seriam substituídas pelas máximas do Livro dos Provérbios e pelas histórias bíblicas.

Aos poucos, os monges transformariam os métodos pedagógicos da Antigüidade.

O terceiro capítulo é dedicado ao período carolingio, geralmente considerado a idade de ouro das escolas e dos educadores de então.

Os séculos X e XI estão representados no capítulo quarto, que assinala como, em um Ocidente em pleno desenvolvimento do regime feudal, a cultura não fôra totalmente esquecida, e as escolas reviviam com vigor quando as circunstâncias políticas o permitiam.

Mercê do tema que se propôs estudar, pôde o autor enunciar problemas que interessam à História e aos estudiosos e que pelas controvérsias que suscitam, despertam viva atenção: — em que época exatamente teria desaparecido a escola antiga? Que relações teriam a cultura pagã e a cristã nos programas de educação? Seriam os leigos instruídos ou não? Qual a influência que teriam tido a educação judia e muçulmana sobre a cristã?

Relacionando tais indagações, apresentou Riché esclarecimentos sobre as mesmas, em comentários que, baseados em outros trabalhos, expoem o estado atual de tais questões.

O mérito do autor, que pelas obras já publicadas revela-se um especialista da época medieval, reside na tentativa de desfazer a noção preconcebida e tantas vezes divulgada do obscurantismo que teria caracterizado a Idade Média. Em geral, quando se evoca a educação nesse período é para se condenar os “métodos medievais” de pedagogos mais propensos a impor autoritariamente o seu saber do que em formar jovens espíritos.

Os textos entretanto relacionados na segunda parte do livro, evidenciam à saciedade que os contemporâneos dos tempos reputados “bárbaros”, preocuparam-se com os problemas pedagógicos e tentaram dar-lhes uma solução.

SUELY ROBLES REIS DE QUEIROZ.

* * *

LINS (Ivan). — *A Idade Média, a Cavalaria e as Cruzadas*. Prefácio de Afrânio Peixoto. Livraria Civilização Brasileira. 4^a edição. Rio de Janeiro. 1970. 388 pp.

Em plena época científicista, contrariando a tendência generalizada de de-negrir a Idade Média (a “noite de mil anos” de Michelet, a *dark age* dos au-tores ingleses), Augusto Comte procedeu a uma verdadeira reabilitação de tão caluniado período da História. Posteriormente, os estudos de Pirenne, Cal-mette, Buehler e outros grandes medievalistas lançaram novas luzes sobre os estudos históricos e, hoje, ninguém mais, em sã consciência, seguiria a cartilha dos caluniadores do século passado. Antes, o que se procura ver na Idade Média é o seu sentido de transição, de “elaboração” de um mundo novo (não é este, por acaso, o título de um dos livros que Calmette?). É este, também, o sentido que Ivan Lins procura dar à sua interpretação da Idade Média. Seu livro resultou de uma série de conferências proferidas em 1938 na Academia Bra-sileira de Letras e no Automóvel Clube do Brasil. Publicado pela primeira vez naquele mesmo ano, alcança agora a quarta edição, “com poucas modificações do texto primitivo, quase todas apenas atinentes à forma”. Apresentando esta nova edição, escreveu Francisco de Assis Barbosa os tópicos que julgamos oportuno transcrever: “Obra de sábio, um panorama majestoso de um época eqüivo-cadamente considerada obscurantista. Ivan Lins empreende a revaloração do ma-terial humano e cultural da Idade Média. Não pense o leitor que se trata de livro de leitura difícil, maçudo, pretensioso e hermético. Nada disso. O que há de admirável nêle é que, na restauração de todo o medievalismo, pedra por pedra, com sólida argamassa, areia e cal da mais pura erudição historica e filosófica, a Idade Média se levanta num painel de contornos límpidos, menos para o deleite dos iniciados, mais para a compreensão sobretudo de jovens de estudantes e mesmo daqueles sem qualquer discriminação de ordem uultural que desejarem possuir uma visão não estática mais dinâmica, ampla e correta, sobre matéria tão vasta e controvertida. A característica fundamental dêste livro — nunca será demasiado encarecê-lo — reside na total e absoluta isenção com que o tema é tratado, além do profundo conhecimento do assunto, oferecendo Ivans Lins uma imagem tanto quanto possível verdadeira da outrora malsinada e ainda sempre desconhecida Idade Média”.

ODILON NOGUEIRA DE MATOS.

* * *

*

BRÉHIER (Louis). — *Le monde byzantin. I. — Vie et mort de Byzance. II. — Les Institutions de l'Empire byzantin. III. — La Civilisation Byzan-tine.* Éditions Albin Michel. Coleção “L’Évolution de l’Humanité”. Paris. 1970. 3 volumes. 640+636+623 pp. 36 F. os três volumes.

Trata-se da 2^a edição dessa excelente obra de Louis Bréhier, na mesma edi-tôra, na mesma coleção, mas desta vez em tamanho de bolso. Ao texto primitivo foi acrescentada um bibliografia suplementar das obras aparecidas desde 1949 (1^a edição) até 1970, da autoria de Jean Gouillard.